

## **O CAMINHO DAS FRONTEIRAS: NEGOCIAÇÕES DE SENTIDO NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

*Silvio Renato Jorge*

*UFF / CNPq\**

Gostaria de iniciar estas reflexões propondo a leitura de duas epígrafes, uma literária, a outra não, que, de certa forma, iluminam as questões que desenvolverei. A primeira é retirada do romance **Peregrinação de Barnabé das Índias**, de autoria do escritor português Mário Cláudio, e diz:

Imediatamente se afasta dele aquela grinalda de sonoridades, a provar que não visita qualquer um o dom que a natureza referendou, e que muito que se aspire ao além do que somos, nos prendem cadeias impossíveis de desintrincar. Uma tristeza envenena o adolescente,

---

\* Silvio Renato Jorge é Doutor em Letras pela UFRJ e Professor da UFF. Pesquisador do CNPq, é Presidente da Associação Brasileira de Professores Universitários de Literatura Portuguesa - ABRAPLIP, é membro do Pólo de Pesquisas das Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura.

resultante do palpite de que não se dilui no Mundo a identidade, mas de que entre o seu ser e a completa criação um véu imaterial, posto que intransponível, se levanta, condenando-o a desejar sem objecto, a querer sem morte e a amar sem presença. (Mário Cláudio, **Peregrinação de Barnabé das Índias**)

A segunda, por sua vez, pertence ao professor António de Souza Ribeiro e está em um ensaio intitulado "A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira":

... a fronteira propicia um modo de comunicação marcado pelo uso selectivo das tradições, pela invenção, pela debilidade das hierarquias, pela pluralidade de poderes e ordens jurídicas, pela fluidez das relações sociais, pela promiscuidade de estranhos e íntimos. Trata-se, é bom sublinhá-lo, de um modelo que pressupõe o reconhecimento da fronteira como condição da sua superação - as formas de promiscuidade e de mestiçagem são possíveis não por estarem além das fronteiras, mas por estarem na fronteira. (António Sousa Ribeiro, "A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira")

Essas duas vozes, aqui convocadas, indicam a necessidade de compreender o carácter altamente complexo e, às vezes, contraditório que envolve as questões referentes ao que poderíamos denominar como "fronteira cultural". Ao indicarem os laços de identidade que nos prendem a "cadeias impossíveis de desintrincar" e, por outro lado, ao reconhecerem a fronteira como condição para a sua própria superação, nos remetem a determinadas questões incontornáveis e muito próprias do mundo contemporâneo - como o crescente processo de globalização, as formas de resistência cultural a esse processo e os questionamentos em torno do conceito de identidade cultural daí advindos. Por isso mesmo, seria válido afirmar que, no campo dos estudos literários, tais questões inevitavelmente nos encaminham a reconsiderar o papel assumido pelo produto da escrita como vetor de problematização da experiência subjetiva e individual.

Assim, venho propor uma reflexão sobre determinadas características presentes em textos contemporâneos de cunho literário que, ao investirem na diluição dos processos canônicos de identificação, revelam a tentativa de perceber as múltiplas falências de um sistema identitário de caráter unívoco e apontam para a necessidade constante de reagenciamento de conceitos e fórmulas. Ou seja, e articulando esse pensamento de um modo mais claro, é como se eu propusesse a seguinte questão: até que ponto, no atual estágio das relações sócio-culturais, podemos considerar a noção de identidade como algo fechado em si e absolutamente excludente? Não seria mais correto compreendê-la como um processo, como algo que se atualiza de forma distinta em diversas situações, de acordo com a diferença a ser estabelecida?

Dessa forma, e dando continuidade ao que havia proposto, é importante assinalar o tempo em que vivemos como um momento adequado para a compreensão dos possíveis diálogos entre as literaturas produzidas pelos países de língua portuguesa, rasurando a idéia de assimilação cultural e substituindo-a pelo movimento de convívio entre culturas que reconhecem semelhanças e diferenças. Creio, portanto, que pensar as fronteiras, tanto culturais quanto estéticas, presentes nos textos de autores como o português Pedro Paixão, o angolano José Eduardo Agualusa e o brasileiro Milton Hatoum - e aí me refiro em específico às obras **Saudades de Nova York** [PAIXÃO, 2000], **Fronteiras perdidas** [AGUALUSA, 1999] e **Dois irmãos** [HATOUM, 2000], mas não apenas a elas. Como dizia, pensar as fronteiras culturais e estéticas problematizadas nas obras desses autores é uma forma de avançar no que se refere à discussão já apontada, ultrapassando limites regionais para desenvolver de modo mais integrado uma leitura das questões que envolvem os processos de identificação cultural no panorama dos países de língua portuguesa. Pretendo, pois, mapear uma cena em que a diluição de fronteiras gera a tensão entre o global e o local, encaminhando o indivíduo à busca de novos sentidos para sua inserção no mundo.

Mesmo considerando o caráter algo suspeito que envolve o processo de globalização cultural hoje vivenciado por todos - pois não é difícil perceber que os valores, os produtos culturais e os universos simbólicos difundidos como globais são, em sua maioria, ocidentais ou, em termos mais específicos, americanos - é inegável que a difusão dos meios de comunicação social, bem como o processo de desterritorialização gerado pelas constantes migrações, propiciaram o encontro de

formações culturais distintas, possibilitando a criação de universos simbólicos transnacionais, de identidades prospectivas e a partilha de gostos, prazeres e aspirações [APPADURAI, 1997, p.4]. Há, contudo, que se considerar o carácter móvel dessas formações culturais e o quanto a resistência local pode encaminhar para uma hibridização em que as tendências homogeneizantes e particularizantes passem a conviver de forma interligada. As reflexões tecidas por Boaventura de Sousa Santos parecem seguir essa trilha, desvelando a permanência de uma tensão - inevitável e até mesmo necessária - entre o universal e o particular. É ele quem afirma:

A idéia de uma cultura global é, claramente, um dos principais projectos da modernidade.[...] Acredita-se que a intensificação dramática de fluxos transfronteiriços de bens, capital, trabalho, pessoas, idéias e informação originou convergências, isomorfismos e hibridizações entre as diferentes culturas nacionais, sejam elas estilos arquitectónicos, moda, hábitos alimentares ou consumo cultural de massa. Contudo, a maior parte dos autores sustenta que, apesar da sua importância, estes processos estão longe de conduzirem a uma cultura global. [SANTOS, 2002, p.47]

Isto se deve, como não poderia deixar de notar, ao carácter profundamente móvel da cultura e a sua constante luta contra a uniformidade. Ela é um campo em que as diferenças e os contrastes são manifestações essenciais. Mesmo considerando que, desde o séc. XVI, a difusão hegemônica da religião e dos saberes políticos, científicos e econômicos europeus propiciaram "alguns isomorfismos entre as diferentes culturas nacionais do sistema mundial" [SANTOS, 2002, p. 46] - o que poderia chamar de imperialismo cultural -, é inegável o esforço de inúmeros localismos para manter traços individualizantes, lutando contra a uniformidade. Resta saber, portanto, até que ponto estaremos habilitados a falar, no atual panorama mundial, em formas culturais originalmente transnacionais ou cujas referências nacionais sejam irrelevantes. Na verdade, parece-me que, se, por um lado, as trocas advindas de um modelo econômico cada vez mais preocupado com a homogeneização dos sistemas de produção e da circulação dos produtos culturais geram um esforço de controle e integração entre aquilo que é produzido, por outro, é inevitável pensar que, na produção literária - bem

como em outros ramos da arte -, emerge uma atitude favorável à coexistência de culturas distintas, à interação com o outro, ou seja: a uma experiência fronteiriça marcada pela abertura ao diverso, pelo trânsito entre experiências culturais divergentes.

Há que se destacar, ainda, o processo de reagenciamento a que têm sido submetidos diversos conceitos anteriormente institucionalizados, como, por exemplo, os de nação e de literatura nacional. Segundo Benjamin Abdala Jr., em seu **Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**, o deslocamento que tais conceitos têm sofrido aponta para a necessidade de laços comunitários supranacionais a serem instituídos como forma de resposta à nova situação histórica do capital. Tais deslocamentos funcionariam também como ponto de partida para que diálogos efetivos se estabelecessem, não mais nos moldes acríticos que vinham sendo perpetuados desde a experiência colonial, mas considerando o sentido estratégico dessas associações:

Pela margens de um mundo de fronteiras múltiplas, parece-nos imprescindível buscar novas associações no campo do comunitarismo cultural a que historicamente nos vinculamos - articulações que efetivamente não reproduzam gestos coloniais ou imperiais.  
[ABDALA JR., 2002, p.30]

Neste panorama, as obras literárias anteriormente referidas situam-se em um espaço marcado pela desilusão com quaisquer formas de essencialismo, apontando para um trânsito cultural próprio em que se percebe o acentuado processo de esmaecimento das fronteiras a que temos sido submetidos com o progressivo desenrolar da vivência contemporânea. As relações aí desenhadas entre os múltiplos traços que delineiam um espaço cultural possível renegam as articulações marcadas pela idéia clássica influência, apoiadas na ordem da superioridade ou da sobredeterminação hegemônica de uma cultura sobre a outra. Desta forma, não é possível esquecer a necessidade de se pensar a Comunidade de língua portuguesa em sua configuração atual, que é marcada não só pela autonomia política de seus membros, como também pelas relações específicas que cada região irá estabelecer com essa língua e com o seu repertório cultural.

Tais reflexões talvez expliquem a presença, nos textos de Paixão, Agualusa e Hatoum, da valorização da vivência individual como forma de atribuir sentido e valor

ao coletivo, propiciando a interação entre experiências distintas. Assim, não é difícil compreender a forma como irão re-encenar o modo tradicional de lidar com a identidade, valorizando a idéia de processo e não mais a de essência. Eles trazem para a escrita literária um universo acentuadamente povoado por "experiências migrantes", dentre as quais gostaria destacar, além da presença de personagens que carregam a marca da emigração, a própria idéia de "trânsito", acentuada pelas inúmeras referências a viagens e, algumas vezes, pelo recurso a um exercício de escrita em que a fronteira dos gêneros é propositalmente diluída e ultrapassada: as formas crônica, conto, romance, relato de viagem e diário convivem entre si, principalmente nas obras de Pedro Paixão e José Eduardo Agualusa, relativizando, em outros níveis, a idéia de essencialismo e investindo no múltiplo. Por outro lado, essas "experiências migrantes" reafirmam a relatividade do conceito de tradição e dos seus correlatos - pureza anterior, certeza e unidade -, postulando a necessidade de novos parâmetros para a compreensão da cena contemporânea. De certa forma, parecem investir em uma abordagem do fenômeno cultural que dialoga com aquilo que Stuart Hall, na esteira de K. Robins [ROBINS, 1991] e Homi Bhabha [BHABHA, 1990] nomeia como "tradução":

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e interseccionam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias "casas" (e não a uma "casa" particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza "perdida" ou de absolutismo étnico. [HALL, 1997, p. 95-6]

Marcados pela experiência da fronteira, tais textos indiciam uma cartografia do espaço contemporâneo que, ao problematizar o tempo como categoria necessária à própria compreensão do humano, busca uma forma de memória em que o grupo e o indivíduo se entrecruzem. Em alguns casos, a história coletiva é revisitada e desestabilizada pelo seu convívio com a memória individual. Em outros, a memória individual aparece confrontada com a modelização apresentada pela mídia, encaminhando a uma reflexão acerca do jogo de influências aí estabelecido. Em outros, ainda, o leitor se encontra diante de uma escrita que questiona os construtos propiciados pelas imagens e valores institucionalizados, propondo a necessidade da experiência individual como instrumento de desarticulação de saberes arraigados e/ou fossilizados pela tradição. Nesse caminho, tais obras parecem estimular uma leitura inquieta, sempre, em que as identidades culturais são apresentadas como elementos em trânsito, desfigurando-se e reconfigurando-se em diversos níveis.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ABDALA JR., Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2002.
- AGUALUSA, José Eduardo. **Fronteiras perdidas**: contos para viajar. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- APPADURAI, Arjun. **Modernity at large**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- BHABHA, Homi (org.). **Narrating the nation**. Londres: Routledge, 1990.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- PAIXÃO, Pedro. **Saudades de Nova York**. Lisboa: Cotovia, 2000.
- ROBINS, K. Tradition and translations: national culture in its global context. In: CORNER, J. & HARVEY, S. (orgs.). **Politics and ideology**. Milton Keynes: Open University Press, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: --- (org.). **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p.25-102.